

ENTRE MEMÓRIAS E SILÊNCIOS: O PROTAGONISMO FEMININO DE RITA AMÉLIA SERRÃO PICCININI E A HISTÓRIA LOCAL DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

Beatriz Schimith de Freitas (Mestre – UFF/ Infes)

Resumo

Este artigo analisa a trajetória de Rita Amélia Serrão Piccinini (1922–2014) — professora, poetisa, escritora e memorialista — como uma expressão significativa do protagonismo feminino na construção da memória coletiva e da identidade cultural da cidade de Santo Antônio de Pádua (RJ). Com base em obras como *Casa da Águia: Crônicas Paduanas* e *A Pedreira do Rio: Memórias da Infância*, propõe-se uma leitura que compreende sua escrita de si como forma de resistência simbólica, que inscreve vozes femininas e subjetividades silenciadas na história local. A pesquisa ancora-se em referenciais teóricos sobre memória, gênero, escrita autobiográfica e história local, como Jacques Le Goff, Sabina Loriga, Paul Ricoeur e Viviane Domingues. Compreende ainda a relevância dos estudos memorialistas para a historiografia. Trata-se de um estudo bibliográfico que se apoia em fontes documentais e literárias da própria escritora. Espera-se que esta pesquisa contribua para evidenciar o protagonismo feminino e incentivar novas investigações sobre a atuação de mulheres em diferentes espaços sociais.

Palavras-chave: Memória; História Local; Protagonismo Feminino.

Abstract

This article analyzes the trajectory of Rita Amélia Serrão Piccinini (1922–2014) — teacher, poet, writer, and memoirist — as a significant expression of female protagonism in the construction of collective memory and the cultural identity of the city of Santo Antônio de Pádua (RJ), Brazil. Based on works such as Casa da Águia: Crônicas Paduanas and A Pedreira do Rio: Memórias da Infância, the article proposes a reading of her self-writing as a form of symbolic resistance that inscribes female voices and silenced subjectivities into local history. The research is grounded in theoretical frameworks on memory, gender, autobiographical writing, and local history, drawing from scholars such as Jacques Le Goff, Sabina Loriga, Paul Ricoeur, and Viviane Domingues. It also emphasizes the relevance of memoir studies for historiography. This is a bibliographic study supported by documentary

and literary sources authored by the writer herself. It is expected that this research will help to highlight female protagonism and encourage further investigations into the role of women in different social spaces.

Keywords: *Memory; Local History; Female Protagonism*

1. Introdução

A História Local, ao focar nas práticas sociais, memórias e identidades em territórios específicos, oferece possibilidades para a valorização de narrativas que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas nas grandes sínteses historiográficas. No município de Santo Antônio de Pádua (RJ), a memória coletiva foi majoritariamente forjada por registros de homens pertencentes às elites locais. A história do município localizado no estado do Rio de Janeiro, remonta ao século XVIII, quando colonizadores passaram a ocupar a região em busca de terras férteis e de novas oportunidades. A então freguesia fundada no ano de 1833, recebeu esse nome em homenagem a Santo Antônio, seu padroeiro, cuja festa anual se tornou uma das mais importantes expressões culturais e religiosas da cidade.

A riqueza cultural do município reflete a influência dos povos que ajudaram a construir sua identidade, combinando tanto as tradições dos povos nativos, quanto às tradições herdadas dos primeiros colonizadores, somados ainda a costumes trazidos por imigrantes que se estabeleceram na região ao longo dos séculos. Essa diversidade cultural se manifesta na preservação de sua Memória Histórica.

Neste cenário, destaca-se a produção literária de Rita Amélia Serrão Piccinini, intelectual paduana cuja escrita memorialista permite resgatar aspectos do cotidiano, das relações sociais e dos afetos locais sob uma perspectiva feminina. Este artigo propõe uma análise de suas obras como documentos culturais que articulam memória, subjetividade e gênero, e que, portanto, se inscrevem como formas de protagonismo feminino e resistência simbólica. Rita Amélia dedicou-se intensamente à escrita. Como memorialista, ela registrou a história de Santo Antônio de Pádua em suas obras, destacando-se como uma das poucas mulheres a assumir essa função em um contexto predominantemente masculino.

Mesmo diante de desafios, as mulheres que hoje produzem literatura, devem muito àquelas que, no passado, ousaram escrever e registrar suas experiências, contribuindo para a construção de novas narrativas. Com isso, revisitar as escritoras do século XX, como

Rita Amélia, significa compreender como elas representaram o mundo de seu tempo e o que ainda falta ser contado para as gerações futuras. Posto isto, os estudos sobre a História das Mulheres nos levam a refletir que a trajetória de Rita Amélia não foi marcada por repressões diretas, tampouco por uma militância feminista ativa. No entanto, sua atuação enquanto escritora e educadora insere-se em um contexto em que as mulheres ainda enfrentavam desafios para ocupar espaços de produção intelectual e cultural. A pesquisa sobre Santo Antônio de Pádua e seu contexto histórico permitiu compreender melhor as vivências familiares e formativas de Rita Amélia, considerando as dinâmicas políticas e sociais da cidade

2. Percurso Teórico e Metodológico

Para a realização desta pesquisa, foram analisados os diversos espaços ocupados por Rita Amélia ao longo de sua trajetória, incluindo sua formação familiar e escolar, sua atuação no magistério, suas produções memorialistas e sua participação na Academia Paduana de Letras, Artes e Ciências (APLAC). No entanto, o estudo concentra-se especialmente na importância da Casa da Águia – residência da escritora – tanto para sua vida pessoal, quanto para a construção da memória coletiva de Santo Antônio de Pádua. Como principal objeto de análise, foram selecionadas suas obras literárias, com destaque para *A Casa da Águia – Crônicas Paduanas* (2005), que reúne reflexões e relatos sobre a cidade e seus habitantes.

Buscando evitar uma abordagem meramente descritiva e a reprodução de discursos mistificadores sobre figuras históricas, a pesquisa adota uma perspectiva analítica, considerando os contextos históricos, sociais e políticos que influenciaram a trajetória de Rita Amélia, tanto pessoal quanto profissionalmente desde a chegada de sua família a Pádua. Para isso, enfrentamos desafios relacionados à disponibilidade e interpretação das fontes, uma vez que a produção historiográfica sobre o Município é escassa e majoritariamente centrada em uma perspectiva elitista e masculina.

A base teórica deste estudo fundamenta-se nos estudos de memória coletiva e escrita autobiográfica. Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico, fundamentado em referenciais teóricos que possibilitam a investigação de fontes, espaços e contextos frequentemente negligenciados pela historiografia tradicional.

Este trabalho dialoga com os estudos de Jacques Le Goff (2003) destacando que a memória não é neutra: é disputada, seletiva e atravessada por interesses. Paul Ricoeur (2007), por sua vez, observa que toda narrativa de memória carrega em si um movimento interpretativo, que articula lembrança, esquecimento e reconstrução simbólica do passado. Entendemos dessa forma, a escrita memorialista enquanto objeto de reflexão que exerce um papel de extrema importância na construção da identidade individual e coletiva, possuindo ainda uma liberdade criadora como característica da sua escrita. Além disso, a escrita memorialista, ao se debruçar sobre lembranças pessoais ou experiências sociais, vai além do simples resgate do passado, atuando como um processo singular de reconstrução e interpretação. Essa abordagem não apenas conserva vivências, mas também transforma o sentido do vivido a partir do presente, como destacado por Paul Ricoeur que a memória se constrói em constante diálogo com o tempo. (2007, p.98).

Importante mencionar ainda que os estudos em torno da escrita de si retomaram um lugar importante na produção dos historiadores nas últimas décadas, já que as formas tradicionais de explicar a história, assim como as reflexões de ações individuais, passaram por grandes transformações. Segundo Sabina Loriga (2011), mesmo com a potência das novas produções em torno da questão biográfica, essas discussões ainda carecem de análises mais aprofundadas. Loriga (2011) introduz ainda o conceito de “escrita de si” como prática que revela o modo como sujeitos se inscrevem no tempo e constroem sentidos para sua trajetória. Para além do sujeito individual, a escrita biográfica permite acessar visões de mundo, hierarquias, afetos e exclusões.

Viviane Domingues (2011) e Sheila Silva (2016) refletem sobre o valor historiográfico das narrativas pessoais, especialmente quando tratam da experiência feminina e de territórios locais.

3. A Escrita Memorialista e seus desdobramentos

Rita Amélia Serrão Piccinini nasceu em 1922 e viveu intensamente as transformações culturais, urbanas e sociais de Santo Antônio de Pádua. Professora e escritora, foi idealizadora e fundadora da Academia Paduana de Letras, Artes e Ciências (APLAC) e se destacou como voz singular entre os intelectuais locais. Em suas obras, a

autora constrói uma narrativa memorialista marcada por afetos e personagens do cotidiano, compondo uma memória que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva.

No artigo “Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares” (1993), Pierre Nora afirma que a relação entre História e Memória sofreu grandes alterações na atualidade. O autor aponta que a memória viva, coletiva e espontânea, que anteriormente era passada de geração em geração, foi sendo substituída pelos *lugares de memória*. Tais lugares podem ser representados pelos monumentos, arquivos, museus e datas comemorativas.

Ainda segundo Nora (1993), no passado, a História e a Memória atuavam juntas, pois a oralidade e as tradições mantinham viva a memória dos fatos. Porém, com a modernidade e a institucionalização da História como disciplina científica, a memória foi sendo dividida e transferida para espaços específicos, os *lugares de memória*. Esses lugares surgem, de acordo com o autor, porque a espontaneidade da memória se enfraqueceu. Os indivíduos passaram a precisar de locais físicos ou simbólicos que rememoram o passado, pois a modernidade acelerou mudanças que afastam as pessoas de suas tradições. Ele destaca ainda que enquanto a memória é fluida, os *lugares de memória* são construções que visam oficializar determinadas narrativas na história. (NORA, 1993)

Oscilação do memorial ao histórico, de um mundo onde se tinham ancestrais a um mundo da relação contingente com aquilo que nos engendrou, passagem de uma história totêmica para uma história crítica; é o momento dos lugares de memória. Não se celebra mais a nação, mas se estudam suas celebrações. (NORA, 1993, p.14)

Consideramos nesse sentido, as obras *Casa da Águia: Crônicas Paduanas* e *A Pedreira do Rio* dispositivos de resistência simbólica frente à hegemonia masculina da memória oficial. O eu que narra é feminino, afetivo, vinculado à cultura oral e à experiência da infância e da docência. A presença da autora como personagem-narradora posiciona sua subjetividade como elemento estruturante da memória paduana, reinventando o passado a partir de uma vivência feminina.

Posto isto, pensar a Casa da Águia a partir das narrativas memorialistas de Rita Amélia é dar vida a memória também construída pela sociedade. Percorrendo pelos “lugares de memória”, lugares onde se cruzam as memórias pessoais, familiares e outras, que podem ser lugares materiais ou não materiais, os “lugares onde a memória se cristaliza e se refugia” (NORA, 1993, p.7). Vale citar nesse contexto, a afirmação de Halbwachs (2006) sobre a importância da memória familiar, constatando, contudo, a existência de uma crise da memória diante das várias memórias coletivas da modernidade. O autor nota que, mais do que no passado, no presente os grupos sociais nascem, crescem e morrem em tempo muito curto para que sua própria história lhes sirva de aprendizado. Por outro lado, ele apela à pesquisa e à construção de um lugar de memória capaz de atravessar toda a sociedade, lugar onde se possa avaliar e unificar a pluralidade das memórias coletivas.

Nesse cenário, pensar sobre as memórias de Rita Amélia sobre a Casa da Águia nos leva a compreender o quanto ela e sua obra foram e ainda são importantes para o coletivo e para a história de Pádua. Com isso, é indiscutível o quanto a memória é importante para a compreensão da história nas perspectivas do estudo como uma ciência em construção. Considerando ainda que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2013, p. 435). Entendemos dessa forma a importância da representatividade de Rita Amélia enquanto memorialista paduana.

4. Memória e Gênero: Inscrever-se na História

As narrativas de Rita Amélia operam uma ruptura nos modelos tradicionais de construção da história local. Esse olhar deslocado permite que mulheres, crianças, professores, donas de casa e trabalhadores simples ocupem um espaço simbólico na memória coletiva. Como aponta Sheila Maciel (2013), ao tematizar o cotidiano e as relações interpessoais, as autoras de memórias operam um gesto de resistência ao silenciamento histórico imposto pelo cânone historiográfico masculino.

Segundo Ricouer (2007), a memória não é um arquivo estático de acontecimentos, mas um processo dinâmico e subjetivo, onde as emoções funcionam como filtros que destacam, distorcem ou até mesmo apagam determinadas recordações. E com base

nessas afirmações, compreendemos que o autor procura questionar até que ponto a História é dependente da Memória, e onde as habilidades, particularidades e chances de falha desta acabam servindo como campo propício para manipulações e distorções narrativas, ideológicas e político-sociais.

Se tratando dos relatos memorialistas, essa influência emocional é percebida na forma como o narrador destaca determinados pontos de sua história, atribuindo significados pessoais a eventos e reconstrói sua experiência de acordo com suas emoções no momento da escrita. Nesse sentido, entendemos o importante papel das emoções na construção da memória. Uma vez que a memória não apenas guarda os fatos, mas carrega afetos e significados que moldam a forma como lembramos dos eventos passados. Ou seja, a memória desempenha um papel fundamental na construção da identidade. E a escrita memorialista pode ser vista nesse contexto, como uma ferramenta de reinterpretação do passado ligado também às emoções. Sendo assim, um mesmo evento pode ser rememorado de diferentes formas ao passar do tempo, dependendo das emoções que o envolvem.

Ao rememorar espaços como o colégio, o rio, a casa, a praça, Rita Amélia mobiliza uma topografia afetiva que ressignifica o território paduano. A cidade deixa de ser apenas cenário e se torna personagem da narrativa, espelho de uma subjetividade que se recusa a ser esquecida. Como defendem autores como Viviane Domingues e Margarida de Souza Neves, as narrativas memorialistas são fontes preciosas para a história social e cultural, sobretudo quando revelam experiências que escapam aos documentos oficiais.

Em *A Pedreira do Rio*, por exemplo, a autora narra a infância nos arredores do rio Pomba, em um tempo anterior à urbanização moderna. A travessia da ponte, os barulhos da cidade, os cheiros das árvores, os rostos das benzedadeiras e dos professores tornam-se marcos de um tempo que a história oficial não costuma registrar. Ao descrever esses elementos, Rita Amélia contribui para o que Ricoeur (2007) chama de reconstrução poética da memória.

Sua escrita, mesmo subjetiva, é repleta de historicidade. Ao dar voz a personagens femininas e a experiências comuns, ela reescreve a história da cidade com outros critérios: sensibilidade, afeto, pertencimento e resistência simbólica. Todavia, é importante destacar que nos registros de Rita Amélia, o seu olhar histórico é marcado também pela valorização

de “grandes feitos” como por exemplo, o papel dos missionários na ocupação e no desenvolvimento da região.

Quando Frei Thomaz morreu, em 16 de abril de 1828, Frei Florido o sucedeu e, 7 anos após sua chegada ao Brasil, fundou a cidade de Santo Antônio de Pádua. Frei Florido fundou, também, o arraial de Frecheiras, fazendo ali outro aldeamento dos índios Puris. Assim como os bandeirantes nos Estados de São Paulo e Minas, os missionários também se embrenhavam nas matas do Estado do Rio de Janeiro, só que seus interesses eram bem diferentes. Enquanto os bandeirantes, desbravando as matas, buscavam ouro e pedras preciosas para si, os missionários buscavam outras preciosidades: as almas dos gentios para Deus. Embora com intenções diferentes, ambos, penetrando na mata virgem, abriram caminho para a chegada da civilização. Aí está o seu mérito. (PICCININI, 2005, p.27)

A narrativa apresentada pela autora, realça a figura de Frei Florido como fundador da cidade e do arraial de Frecheiras, contextualizando sua ação dentro do processo mais amplo de catequização indígena e colonização do interior fluminense. Fica evidente que os textos produzidos por Rita Amélia edificaram a cidade de Pádua como um lugar erguido por mãos brancas. Exaltando dessa forma o local e o solidificando na memória das pessoas como uma cidade que tinha todos os requisitos para ser “civilizada”.

Relevante destacar que o texto estabelece uma relação entre a atuação dos missionários e a dos bandeirantes, mas diferencia seus objetivos: enquanto os bandeirantes buscavam riquezas materiais, os religiosos estavam dedicados na conversão dos indígenas, tratando suas almas como uma pedra preciosa. Percebemos nesse relato o enaltecimento do papel civilizatório da Igreja, ao mesmo tempo que ameniza as consequências da catequização e da ocupação colonial sobre as populações indígenas. Rita Amélia adota uma visão que enfatiza o papel positivo dos missionários na construção da sociedade local. A ideia de que a “civilização” chegou à região através da ação de religiosos e desbravadores reflete uma perspectiva tradicional da história, em que o avanço colonial é tratado como um marco de progresso. Percebemos que essa é uma abordagem

comum em narrativas memorialistas, tendendo a minimizar os conflitos e focando nos benefícios da ocupação e transformação do território. Contudo, essa visão pode ser complementada com análises críticas sobre o impacto da catequização forçada e do avanço colonial sobre as populações indígenas.

O relato feito por Piccinini (2005) permite compreender não apenas os eventos do passado, mas também como a memória local é construída e transmitida ao longo do tempo, enfatizando determinados aspectos e silenciando outros. Para tanto, foi essencial o trabalho memorialista desenvolvido por ela, uma vez caracterizado como portador de uma história linear e narrativa, que retomavam nos seus textos as ideias defendidas sobre os “pioneiros” na formação da região e da cidade de Pádua. Essa produção foi extremamente relevante pelo fato de reavivar, frequentemente, a ideia de que a cidade era civilizada, moderna e estava em constante progresso.

Posto isso, apresentamos Rita Amélia como uma escritora que faz parte desse universo da literatura feminina que, por meio de sua escrita, encontrou uma maneira de se posicionar sobre variados temas, de se manifestar ou mesmo demonstrar seus sentimentos mais íntimos. Guimarães (2014) destaca ainda que:

Mesmo com todas as interdições, os silenciamentos e a marginalização no interior dos sistemas literários a que pertencem, as mulheres se rebelam contra o preestabelecido, resistem ao preconceito e escrevem. Por meio de suas obras, testemunham um modo de existir e de estar no mundo, se debruçam sobre matérias que fazem parte do universo feminino e lançam sobre elas um olhar de mulher engajada. A mulher escreve para falar do tempo e da memória, para articular lembrança, esquecimento e imaginação. As mulheres escrevem para atuar na vida cultural, para transigir noções estéticas e históricas fixas. Escrevem para produzir atritos. As mulheres escrevem para refletir sobre o fazer poético, discutindo o processo de criação literária e seus desdobramentos. Para isso, rompem as fronteiras do lar, do mundo privado, e ocupam o espaço público, desnudam as interdições ao feminino, revelam preconceitos, propõem

travessias entre a tradição e a modernidade.
(GUIMARÃES, 2014, p.12)

Dessa forma, considerar a escrita de Rita Amélia sob essa perspectiva é de suma relevância para compreendê-la enquanto mulher que, pelas suas narrativas, encontrou uma forma de se expressar, usufruindo desse espaço como mais uma forma de ultrapassar os limites impostos pela sociedade às mulheres de sua época. Além disso, as suas obras, sejam poéticas, crônicas ou contos, nos possibilitam perceber as suas vivências em contexto histórico e social, no qual fazia parte.

5. Rita Amélia entre a Literatura e a História Local

O estudo da História Local de Pádua restringiu-se a aspectos de seu passado geralmente ligados à política. Por essa e outras razões, torna-se urgente a necessidade de se manter viva a memória e a História Local. Nesse contexto, destacam-se trabalhos independentes e de outras organizações não governamentais, que, com pequenos projetos, tentam colocar em prática, ações voltadas para a conscientização sobre a necessidade da preservação do patrimônio histórico, cultural e artístico de Pádua.

Ainda na perspectiva de se pensar sobre os registros da História Local da cidade de Pádua, reforçamos a discussão em torno da Memória Histórica. Entendemos que tais memórias são campos de disputa, nas quais algumas narrativas são preservadas e outras esquecidas. Isso fica evidente ao percebermos o desaparecimento da História dos indígenas originários da região de Santo Antônio de Pádua. Diante dessa lacuna histórica, as obras memorialistas acabam exercendo um papel fundamental na preservação da Memória local.

Destacamos o livro de Rita Amélia Serrão Piccinini como obra de relevância para pesquisa, uma vez que se apresenta como uma representação da realidade histórico-social sob o olhar da autora. Não nos cabe o papel de afirmar que o livro de Rita Amélia retrata verdades ou mentiras, muito menos diminuir a relevância do seu trabalho para as pesquisas históricas. O que nos cabe, a partir dos indícios identificados, tê-los como fonte relevante ao nosso estudo e portanto, confrontar as informações expostas. Os indícios já destacados até aqui nos possibilitam entender que, mesmo se tratando de mais uma autora

memorialista responsável por registrar e perpetuar uma história linear e atribuindo a construção dessa história a indivíduos considerados importantes na sociedade, é uma fonte que nos possibilita interpretar a sua representação da realidade da época e, com isso, fazer os questionamentos necessários à pesquisa historiográfica.

A obra de Rita Amélia deve ser lida não apenas como um relato dos fatos, mas como um reflexo das representações históricas e sociais do período em que foi escrita. A análise historiográfica permite que pesquisadores explorem os discursos, omissões e silenciamentos que ajudam a compreender os desafios da Memória e da História. Sendo assim, para que a memória histórica cumpra o seu papel social, é essencial que haja uma relação de integração entre a comunidade e as instituições culturais, seja por meio de projetos educacionais, eventos públicos ou até mesmo digitalização de acervos.

É possível afirmar que Rita Amélia contribuiu de maneira relevante para preservação da História Local de Pádua, não limitando aos seus escritos memorialísticos. Percebemos, também em suas obras a busca por documentos e depoimentos na proposta de “recolher a história”, sendo esse o elemento fundamental para sua pesquisa sobre a história local e regional. E com a intenção de apresentar as diferentes formas que Rita Amélia atuou para preservação e construção da História Local de Pádua discorreremos agora sobre a metodologia de pesquisa desempenhada por ela para produção do livro *“O coronel, o poder falível de um semideus”* publicado em 2001. Metodologia esta que demonstra o comprometimento e técnica da autora com a pesquisa em questão.

A obra retrata o violento coronelismo que dominou de maneira brutal as regiões da Zona da Mata Mineira, noroeste e norte do Estado do Rio de Janeiro e do sul do Estado do Espírito Santo. No livro Piccinini, registra em detalhes através de textos e fotos o resultado de uma longa pesquisa que envolveu mais de 100 entrevistados.

A história narrada neste livro foi escrita pelo destino. Meu trabalho foi o de recriar a realidade e passar a trama para o papel. Ela enfoca um trecho da história do nosso país, no qual se insere o Coronelismo – o poder e a força dos coronéis. Na essência, os acontecimentos narrados são do conhecimento público. Com muitos deles publicados em jornais e constantes de autos em processos na justiça. Ocorreram no princípio do século XX, mais

intensamente de 1906 a 1912 e, em consequência dessa primeira fase, com prolongamento agravado em 1917 e 1921. Esses acontecimentos causaram o surgimento do “Grupo da Morte”. (PICCININI, 2001, p.11)

A autora afirma ainda que:

Ao saber, porém, que os organizadores do “Grupo da Morte” foram os fazendeiros, quis entender, sem desculpar ou sequer julgar, tão drástica atitude tomada por pessoas honestas e pacatas. Deveria existir, por trás disso tudo, motivos muito mais fortes do que o simples roubo de animais. Só havia uma maneira para esclarecer todas as dúvidas: a pesquisa. E por esse caminho enveredei. (PICCININI, 2001, p.11)

Muitos foram os métodos utilizados por Rita Amélia para produção da pesquisa, desde fotos, documentos, certidões e jornais, até a busca por relatos de familiares e outros envolvidos. De acordo com a autora, foram necessárias diversas idas à cidade de Palma, Minas Gerais – epicentro do coronelismo da época – além de outras cidades vizinhas também afetadas. Foram mais de 3 anos de pesquisas e entrevistas para coleta de dados para comprovar os fatos sobre o Coronelismo de Ciro de Carvalho e a atuação do Grupo da Morte. Ressalta:

Coletei dados importantes, ora vibrando, ora me assustando, deliciando-me ou apavorando-me, a cada lance narrado. Às vezes quando duvidava da crueza dos fatos, os entrevistados respondiam com ênfase: “Eu vi! Eu vi!” E eu não podia nem contestar, nem duvidar, diante de tanta firmeza. Tinha na minha frente, testemunhas vivas da história. (PICCININI, 2001, p.12)

Neste momento, não nos cabe discutir o tema abordado pela autora, mas sim, analisar os métodos que legitimam a busca por informações no processo de pesquisa. E dentre esses métodos, destaca-se a entrevista, que teve um papel fundamental na construção da obra. Segundo a autora, “todos os sentimentos de ódio, revolta, impotência, pavor, dor e tristeza que impregnam estas páginas foram transmitidos pelos entrevistados. Os fatos falam por si. A autora se manteve imparcial.” (PICCININI, 2001, p.13).

Rita Amélia assegura ao leitor que o livro foi inteiramente baseado nos relatos de indivíduos que vivenciaram os acontecimentos pesquisados. Dessa forma, evidenciamos a relevância das entrevistas na estruturação da obra, reforçando seu papel na discussão sobre o memorialismo e o protagonismo de Rita Amélia na busca de dados para uma narrativa sobre a História Local paduana e da região. A autora percorreu as fontes orais, para desenvolver sua escrita, isso significa considerar que tais narrativas poderiam ser modificadas no inconsciente das pessoas, possibilitando a autora enxergar o passado a partir de novas lentes de visualização, e com isso gerar novos questionamentos para reinterpretar o passado (SOUZA, 2016, p.2).

A autora transcreveu em sua obra *Crônicas Paduanas* (2005), o discurso feito por ela no dia do lançamento do livro *O Coronel – Poder Falível de um Semideus* (2001). No trecho destacado podemos perceber a relação de Rita Amélia com o uso das fontes de pesquisa:

Estaria mentindo se dissesse haver inventado essa história acontecida no princípio do século passado. Os episódios aqui narrados são reais. As provas disso encontram-se nos fóruns onde estão arquivados os processos instaurados na época, uma das fontes das minhas pesquisas. Essas pesquisas incluíram, também, numerosas entrevistas iniciadas na minha família e realizadas, principalmente, nos anos entre 1966 e 1969, quando entrevistei cerca de 100 informantes em toda a região, retirando das dobras do manto do passado, os relatos feitos por pessoas que viveram naquela época, muitas delas testemunhas oculares dos acontecimentos

enquanto outras tantas integravam-se ao contexto, tornado-se elas próprias, personagens dessa trama fantástica, tão bem urdida pelo destino. Ao mesmo tempo, eu fotografava os locais mais expressivos. E, assim, continuei, ao longo da vida, pesquisando e fotografando. (PICCININI, 2005, p.337)

Rita Amélia deixa evidente as trocas de experiências e aproximação entre o ouvinte e narrador, mesmo ambos tendo diferentes interesses na entrevista. Segundo Ecléa Bosi (1995), em seu livro *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*, ao narrador é relevante escutar e documentar a narrativa, seu objeto de estudo, enquanto ao pesquisador é relevante narrar o que lhe é relevante. No entanto, entre o ouvinte e o narrador surge uma conexão fundamentada no desejo comum de preservar o que foi narrado para que possa ser reproduzido. (BOSI, 1995, p. 90).

Isso nos remete novamente ao elemento fundamental ao trabalho que toma a metodologia da História Oral parte do processo - a relevância da memória na trajetória de propor aos sujeitos a retomada do passado, mesmo que recente:

Dessa forma, cada um iria relatando a sua participação e conhecimento dos fatos. Assim, talvez, quem sabe, dessem uma ideia geral da vida daquele homem tão poderoso e forte que dominara toda região durante tantos anos. E todos ficariam conhecendo a história por inteiro. Para reavivar lembranças fizeram comentários sobre alguns fatos acontecidos. “Bem, vamos a história”, disse Rufino Dias, que iniciou a narrativa fazendo todo um perfil do Coronel e descrevendo o quadro geral da situação. Os outros e o próprio Siqueira narrariam episódios esparsos e detalhados que, unidos dariam uma ideia do todo. (PICCININI, 2001, p.16)

Compreendemos dessa forma que a atuação cultural de Rita Amélia extrapola a escrita: ela participou de projetos educacionais, colaborou com jornais locais e exerceu liderança intelectual em espaços como a APLAC. Sua presença pública desestabiliza as fronteiras entre o “espaço privado” reservado às mulheres e o “espaço público” masculino da memória e da política. Nesse contexto, a discussão aqui elencada se torna extremamente importante para pensar sobre os escritos de mulheres, considerando ainda a participação dessas mulheres nos diferentes espaços da sociedade, que contribuíram com a ampliação do conhecimento, participação e transformação de uma realidade marcada patriarcado. Fomentando ainda a discussão sobre o papel da mulher na construção do conhecimento e da História Local, dando visibilidade às questões de gênero e ao protagonismo feminino.

7. Considerações Finais

A escrita de Rita Amélia Serrão Piccinini se configura como uma prática de resistência simbólica e protagonismo feminino na história local de Santo Antônio de Pádua. Ao escrever suas memórias, ela amplia os horizontes da historiografia local e revela a potência política da narrativa subjetiva. Seu gesto de escrever é, ao mesmo tempo, íntimo e coletivo. Constitui um testemunho de sua época, mas também um convite para que outras mulheres possam se ver como parte legítima da memória pública. Compreendemos que a desigualdade de gênero não se deve apenas a fatores econômicos ou políticos, mas também a estruturas simbólicas e culturais que legitimam a supremacia masculina e a subordinação feminina na sociedade. Portanto, nesse contexto torna-se necessário desenvolver uma abordagem da História que não silencie as mulheres, mas colocando-as no centro das discussões.

Essa mudança poderá ser elaborada através de uma abordagem sobre a História da Mulheres, como ressalta Perrot (2007):

O corpo das mulheres: é isso que abordaremos a partir de agora. Não o corpo imóvel com suas propriedades eternas, mas o corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo, pois o corpo tem uma história, física, estética, política, ideal e material, da qual os historiadores

foram tomando consciência progressivamente (PERROT, 2007, p. 41).

Segundo a autora em sua obra *Minha História das Mulheres* (2007), o primeiro silenciamento aconteceu pelo confinamento das mulheres às tarefas domésticas e ao limitado convívio com a sociedade, ficando restrita à vida privada, agregado ao silêncio das fontes, uma vez que as mulheres deixaram escassos registros escritos sobre a sua vida, sua trajetória, e os poucos vestígios existentes eram feitos pelo olhar do homem, na maioria das vezes, a partir de estereótipos sociais que inferiorizam o papel feminino (PERROT, 2007, p.18).

Pensar nas questões em torno da temática da mulher na história é atribuir a ela um papel extremamente relevante enquanto possibilidade de abrir caminhos para as questões de gênero. Entretanto, cabe ressaltar que ainda que a própria Rita Amélia não se apropriou se das questões de gênero, ela se dedicou em escrever sobre a História da cidade, se destacando enquanto pesquisadora, escritora e mulher, que ultrapassou as barreiras impostas pelo seu tempo.

Portanto, reforçamos o quanto a trajetória de Rita Amélia é de extrema importância para entendermos ainda como a resistência feminina nem sempre ocorre por meio de movimentos ativos e discursos diretos, ocorrendo também pelo simples ato de ocupar espaços e produzir conhecimento. Pois, a atuação feminina no meio intelectual e cultural geralmente ocorre de maneira sutil, mas profundamente transformadora.

Embora não tenha tido um discurso declarado feminista, figuras como Rita Amélia Serrão Piccinini demonstram que a atuação da mulher no campo da escrita é, por si só, um ato de rompimento com determinados paradigmas. Afinal, como já mencionado, durante muito tempo, escrever foi visto como atividade imprópria para mulheres.

Assim, sua trajetória nos permite refletir sobre o direito à memória como um direito de narrar, e sobre a importância de valorizarmos fontes alternativas, subjetivas e femininas na construção da história. Rita Amélia, enquanto professora, escritora e fundadora de uma Academia de Letras, construiu ao longo da vida um lugar de privilégio. Sua narrativa é atravessada por essa autoridade, que lhe permite definir quais memórias merecem ser preservadas, quais personagens devem ser lembrados e quais valores devem ser transmitidos.

Assim, ao mesmo tempo em que sua escrita participa da construção de uma memória social pautada por certa visão de mundo — tradicional, letrada, urbana e familiar —, ela também revela fissuras, nuances e possibilidades de reinterpretação. A pesquisa desenvolvida evidencia essas tensões e propõe uma leitura crítica da narrativa de Rita Amélia, reconhecendo tanto suas contribuições para o resgate da memória local quanto os limites ideológicos que atravessam sua produção.

Beatriz Schimith de Freitas - Mestra em Ensino pelo programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Fluminense (PPGEEn/UFF-Infes); Licenciada em História (UNIRIO); Professora; Pesquisadora no: Laboratório de Pesquisa e Ensino em História (LAPEH/UFF) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3312355838297713>. Correio eletrônico: biaschimithf@gmail.com

8. Referências bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DOMINGUES, Viviane. *Estudos sobre o memorialismo e consciência histórica*. Anais da ANPUH, 2011.
- GUIMARÃES, Heloísa Toller. *Literatura de autoria feminina: memória, identidade e subjetividade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LORIGA, Sabina. O pequeno x da história. In: DOSSE, François. *A história biográfica*. São Paulo: EDUSC, 2011.
- MACIEL, Sheila. *Memória e narrativas do eu*. *Revista Estudos Literários*, v. 44, 2013.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PICCININI, Rita Amélia Serrão. *A Pedreira do Rio: Memórias da Infância*. Santo Antônio de Pádua: APLAC, 2010.

PICCININI, Rita Amélia Serrão. *Casa da Águia: Crônicas Paduanas*. Santo Antônio de Pádua: APLAC, 2005.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5–22, jul./dez. 1991.

SILVA, Sheila. *Gênero, memória e narrativa*. *Revista Espaço Feminino*, v. 24, 2016.

SOUZA, Margarida de. As escritas da memória e a história: arquivos de si, arquivos de nós. *Revista Brasileira de História*, v. 35, n. 69, 2015.